

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Editor.—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNALIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

COVIS EM CASA!

«Sabe-se onde está o inimigo. ¿E nós perguntamos, porque se espera então para o desalojar dos seus covis?».

Estas palavras categóricas proferidas, com grave solenidade, em nome do Exército pelo snr. major Ricardo Durão no memorável banquete do dia 28 de Maio, bem poderiam ser, como já aqui frisamos, a fala sincera e viva de todos quantos estão, leal e decididamente, com o Estado Novo e Salazar.

Pela nossa parte, repetimos a pergunta e reforçamos-lhe a intenção; tão certos estamos de que ela sintetisa neste lance, uma necessidade política e um sentimento nacional.

«Ninguém com autoridade como Salazar, disse ainda o snr. major Durão para empunhar o chicote e expulsar os vendilhões».

Sem duvida. Mas, como também afirmou aquele ilustre militar «é pena que a grande acção depuradora de Salazar não possa chegar ao mesmo tempo a toda a parte».

Dai o continuar a haver em Portugal individuos que pretendem atingir fins politicos por meios economicos, ou fins economicos, por meios politicos, e, o que é pior, alguns deles ocupando lugares de confiança e de responsabilidade; dai o haver ainda pessoas que, «apregoaendo sacrificios que ninguém vê e serviços que ninguém enxerga, procuram fazer a sua revolução dentro da nossa»;

dai, enfim, o espectáculo enervante e persistente «daqueles que usurpando direitos de autor procuram, (e ésses duma maneira grotesca) fazer a nossa revolução dentro da sua».

Dai, dizemos nós agora, o ter-se formado sobre a ossatura limpa do Estado Novo, uma crosta de interesses vis que mal encobre a patrulha sinistra dos traidores e de imbecis cuja acção é um acto de sabotagem permanente ás ideias e aos métodos de Salazar que todos queremos, na verdade, ver applicados em toda

Justa consagração

Realisou-se há dias, no Ministério das Colónias, a posse da Junta de Exportação de Algodão Colonial, instituição há pouco creada, da qual faz parte, ocupando um lugar de evidente destaque pela sua qualidade de maior importador algodoeiro, o nosso presado amigo e querido conterraneo snr. Rocha Gonçalves, importante comerciante da praça do Pôrto.

O ilustre Ministro das Colónias, com uma visão que grandemente o distingue, foi buscar ao comércio algodoeiro um elemento de valor para fazer parte da Junta que terá a missão de promover o desenvolvimento da produção e venda do nosso algodão colonial que, num futuro mais ou menos próximo constituirá uma fonte de riqueza nacional.

Rocha Gonçalves é inteligente e probo. Conhece, como poucos, o seu *metier*.

Sabe, soube sempre, colocar o bem comum acima do interesse individual.

Nunca atropelou ninguém no seu caminho. Tem a noção nitida, perfeita, completa, dos seus deveres. Age sempre, nos seus negócios, com aquela honestidade, com aquêle espirito de boa camaradagem inteira de trabalhos, de canceiras, de lucubrações de espirito, dá incontestavel jus.

Amigos de velhos tempos, temos acompanhado sempre os progressos da sua vida comercial, notavelmente aumentada e desenvolvida. A sua acção no comércio algodoeiro, há sido exercida com a maior ponderação, com a maior cautela, prevendo todas as hipóteses com aquêle *savoir faire* indispensavel a quem, como êle tem de movimentar muitos milhares de contos.

Do coração, pois, nos associamos á justa consagração que acaba de ser-lhe prestada, convictos de que, Rocha Gonçalves, saberá corresponder á confiança que em si depositou o ilustre Ministro das Colónias.

O bem da Nação, será sempre pôsto acima dos seus interesses individuais—temos disso a certeza absoluta.

Aqui lhe deixamos o nosso abraço de felicitações muito sinceras e muito amigas.

A POSSE DA JUNTA

Tudo quanto há de mais distinto e de mais importante no comércio algodoeiro do Pôrto e de Lisboa, amigos dedicados, amigos queridos que nutrem por Rocha Gonçalves uma grande estima e uma alta admiração, todos acorreram ao Ministério das Colónias para assistirem á posse da Junta nomeada.

a sua integridade e pureza.

Mas isto, sendo assim, como é, prova-nos, sem sombras de duvida, que é preciso sacrificar os homens aos principios, afastando implacavelmente da vida publica aqueles que estejam incursos nas posições referidas.

Mas isto, sendo verdade, como é impõe uma rectificação severa no sentido de se limpar os condutas da Revolução por forma a que a palavra, o exemplo e a vontade de Salazar possam chegar, em toda a sua pureza e com a devida facilidade, a todos os sectores do Estado Novo.

Mas isto pode querer dizer, e diz --e diz com verdade!-- que há pessoas alapadas «em lugares de confiança e de responsabilidade» que não só não velam pela pureza dos principios como deixam que os redutos que ocupam se convertam em covis fôfos para um inimigo... que só o é do chefe e dos que o servem com lealdade!

E squi abrimos nós uma pequena discordancia com o snr. major Durão, para afirmamos que o que nos parece urgente e indispensavel não é, propriamente, que o Chefe esteja em toda a parte; o fundamental, quanto a nós, é que em toda a parte estejam pessoas que o entendam, que o sintam e que o sirvam!

Salazar é um simbolo, um exemplo, um rumo. A suas ideias e os seus métodos têm de comunicar-se á Nação, visto que são continuas e independentes dos homens.

E já hoje se pode dizer que Salazar está ou não está neste ou naquele sector consoante as pessoas que ali o representam sentem ou não sentem o que êle significa na vida portuguesa e na Revolução Nacional.

E nós não estamos ainda convencidos de que, para lá dessa farandolagem de adolescentes sebastianistas e dessa purria de negociantes com loja aberta na politica—não haja um povo honesto e viril, com elites á altura das circunstancias criadas pela Revolução Nacional.

E' preciso, portanto, desalojar o inimigo dos seus covis.

¿Mas há de ser ainda Salazar



ROCHA GONÇALVES

—o chefe que todos devíamos poupar às coisas simples—quem tenha de descer aos antros para expulsar, talvez da beira de alguns que usam e abusam da sua confiança, os reus da traição vil e os traficantes sem vergonha?

Se assim houver de ser, que ao menos, o chicote do chefe leve, de vez, na sua frente, com o inimigo apurado, a importância balôta e crua daqueles que, com a sua cegueira voluntaria, têm deixado alimentar de ilusões e de pão mal ganho os que vêm afixando, nas nossas costas, o punhal traiçoeiro.

COSTA BROCHADO.

DIGNIDADE E CARÁCTER

INTRIGA E FARÇA

Eis quatro palavras que a cada momento certa gente tenta confundir.

No ambiente morbido em que vivemos, creaturas que se alcunham de *pseudo intelectuais* mostram a cada instante a facilidade com que confundem estes quatro vocábulos.

A dignidade que consiste em ter sentimentos e ideias nobres e elevadas e que se manifestam nas palavras e actos exteriores, pelo que a creatura que assim procede inspira em nós, em geral, respeito, veneração, acatamento. O carácter, que intimamente anda ligado à constância, em sentido proprio é qualidade que distingue as cousas e as pessoas umas das outras; é a qualidade mais excelente do ser humano. Quantas vezes creaturas há que repentinamente variam, mudam pelo teor das circunstâncias e de *seus loucos e irrealizáveis interesses*. O carácter pode ser bom ou mau; todo o seu valor consiste em não mudar em qualquer emergência da vida.

Feitas estas breves considerações sobre estas duas excelsas palavras—*dignidade e carácter*—, exemplifiquemos o modo como muitas vezes estes dois vocábulos são deturpados e disfarçados *pela intriga e pela farça*.

Quantas vezes no seio duma família existe um ente querido, dotado dum carácter integro, possuido duma dignidade altíssima, diademado pelas mais excelsas virtudes; enfim uma alma toda bondade, uma verdadeira alma de eleição.

Repentinamente surgem em volta desse ente creaturas alheias, que zumbindo qual abelha em volta da corola da flor, e pretendendo ornar-se com as duas primeiras palavras que encimam estas considerações, tentam inocular

Atmosfera de franca e sugestiva animação e cordealidade. Raras vezes, um acto de posse, há sido tão selecta e tão grandemente concorrido.

O gabinete do illustre director geral das Colónias, encheu-se literalmente.

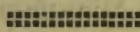
Muitos dos assistentes, por já não caberem na sala, tiveram de ficar no corredor contiguo.

Prestado o juramento da praxe e depois de assinado o respectivo termo aquêle illustre funcionário fez o elogio da Junta empossada, salientando ser sua convicção que a confiança que S. Ex.^a o Ministro depositava em todos quantos para ela nomeara, era penhor seguro de que todos saberiam corresponder, devotada e patrioticamente, aos fins que o illustre Ministro tinha em vista. Quasi podia afirmar que todos trabalhariam afincadamente no sentido de bem servirem os interesses da Pátria, fomentando e engrandecendo a riqueza nacional.

Têve, por fim, palavras de merecidíssimo elogio para Rocha Gonçalves a quem abraçou, significando-lhe a sua estima.

Em curtas mas significativas palavras, respondeu, agradecendo, o presidente da Junta empossada.

A assistência deveras entusiasmada, abraçou efusivamente Rocha Gonçalves.



O BANQUETE

A' noite, no Avenida Palace Hotel, promovido por um grupo de comerciantes de algodão da cidade do Porto—à frente dos quaes se encontrava o snr. Júlio Campos, um novo, inteligente, cheio de vida e cheio de actividade—, realiso-se um banquete de homenagem a Rocha Gonçalves.

Traje de cerimónia a rigor. Concorrência distinta. O salão de festas do Palace Hotel, estava primorosamente ornamentado. Um quarteto de escolhidos executantes tocava numa sala contigua.

No lugar de honra, sentou-se Rocha Gonçalves que dava a direita ao novel advogado snr. dr. Ribeiro Ferreira e a esquerda ao respeitavel comerciante inglês snr. Graham. Indistinctamente, sentavam-se os restantes convidados.

Ementa perfusa, esmerada, confeccionada a capricho.

Ao iniciarem-se os brindes, foram lidas algumas desênas de telegramas, vindos de toda a parte do país, felicitando Rocha Gonçalves.

O primeiro a ser lido, era de seu filho—um miúdo de 11 anos—, que provocou por parte da assistência, uma grande manifestação de simpatia e carinho.

Ao champanhe, falou em primeiro lugar o comerciante sr. Júlio Campos, em nome dos seus colegas promotores do banquete.

Voz timbrada, mocidade nos gestos, elegância de frases. Apologia sentida das qualidades de carácter e de intelligencia do homenageado. Justa e merecida consagração ao homem que durante uma vida inteira tem sabido, embora com sacrificio proprio, elevar e engrandecer a classe a que pertence na qual tem marcado um lugar de inconfundivel destaque.

Ergue a aua taça pela saúde e felicidades de Rocha Gonçalves, de quem muito tem a esperar a sua classe, no seio da Junta para que acaba de ser tão justamente escolhido. (Prolongados aplausos).

Outros oradores se seguem. Os snrs. Clavel, Antonio Maria Lopes, Arantes Pereira, Jaime Ferreira, Marques Pinto, Mário Vieira, Rocha Brito, Graham e finalmente o illustre advogado snr. dr. Ribeiro Ferreira, abundando todos nas ideias de Júlio Campos, isto é, fazendo toda a apologia das qualidades de carácter, de trabalho, de intelligencia e de coração do homenageado.

Todos muito applaudidos.

O snr. dr. Ribeiro Ferreira, advogado distincto que acompanhou desde o seu inicio a formação e organização da Junta, foi primoroso no seu brinde.

Palavra facil, sugestiva, conceituosa, o seu discurso salientou-se de forma a produzir entre a assistência uma agradabilíssima impressão.

Rocha Gonçalves foi focado pelo illustre advogado, com uma mestria invulgar, nos seus perfis moral, intelectual e bondoso. A acção do homenageado, foi posta á evidencia, com tal elegancia e primor, que levou toda a assistência a tributar-lhe, no final, uma calorosa manifestação de agrado e simpatia.

Levantou-se Rocha Gonçalves.

Calorosas manifestações da assistência; vivas, muitos vivas. Emocionado, sensibilisadíssimo, começou por agradecer aos

disfarçadamente a intriga em modos e atitudes de farça.

Aparece-nos muitas vezes quais artistas no palco, tentando na sua tagarelice alucinada e ôca ofuscar a dignidade e o carácter pela intriga e pela farça para satisfação de interesses e de proventos mesquinhos.

Porém, para se descobrir estas creaturas basta um simples momento de reflexão e olhar superiormente a vida tal como se nos apresenta. Nas mais pequenas coisas, no leve dito, na insinuação, na piada venenosa, imediatamente reconhecemos no fundo dessas um intimo a manejar-se cautelosamente e que procura executar com astucia oculta a intriga, o mexerico, a cabala, o enredo.

São pois os gestos, as palavras dúbias e as frases balôfas que a cada momento pronuciam, que as fazem cair em frente do povo, que ásperamente critica, e com razão, estas creaturas na sua passagem ao reconhecer-lhes o virus que as domina intimamente e que em geral acabam sempre por serem as únicas vítimas das tremendas situações que criam e dos ambientes que preparam, por não se lembrarem que em tudo quanto existe neste globo terraqueo é dominado pelo dedo infalivel de Deus.

1938. Barra Reis.

POR FÃO

Junho.

Pedindo providencias.

Couzas há na nossa terra que a cada passo nos fazem corar em frente do forasteiro que nos visita. Não se podem aturar por mais tempo os desgraçados costumes de lançar-se das janelas para a via publica a água de despejos, de lançar junto ao rio todas as imundices imagináveis e de consentir-se as galinhas e os porcos a passear por onde convém aos seus illustres proprietários. Medidas rigorosas teem de ser adotadas afim de por-se cõbro a estes costumes que nos envergonham. Pedimos, pois, providencias a quem as pode dar, afim destes abusos terminarem.

S. João

Foi festejado o S. Precursor na rua da Cruz de forma brilhante. Também na nossa matriz houve festa religiosa em honra do mesmo santo. Este ano a Rua das Pedreiras parece que se zangou com o S. João...

S. Pedro.

Como nos anos do costume

foi comemorado com festa rija na Avenida Dr. Manuel Pais o Santo Claviculario. A mocidade de Fão sabe festejar alegre e ruidosamente este santo.

Carlos Turra.

De regresso da ilha da Madeira, tivemos o prazer de cumprimentar entre nós este filho dilecto da nossa terra. Há tempos já que andamos com vontade de publicamente honrarmos este filho de Fão pelo seu temperamento de artista, e, ainda há dias ao examinarmos sobre a nossa mesa de trabalho a planta duma máquina, invenção deste fangueiro, nós vimos em todos os detalhes, em todas as linhas, a competencia, o génio, a arte de Carlos Turra e ficamos contentes ao lembrarmos de que Carlos Turra é filho de Fão.

Muitas felicidades lhe desejamos em todos os seus empreendimentos, e a terra que lhe foi berço sentir-se-á orgulhosa ao vêr elevado um filho que criou e que ama.

Quem tem telhados de vidro...

Há certas pessoas que tem a monomania de a cada momento intrometer-se na vida alheia e nada de pensar na sua.

Creaturas existem que se dão ao cuidado de procurar saber a vida pública e intima do seu vizinho, quando afinal se pela sua revelassem o mesmo interesse e procurassem saber o que deveras lhes interessaria não caíam em verdadeiras catástrofes.

Por hoje fiquemos por aqui...

Quem tem telhados de vidro... C.

Entrada de menores em tabernas

Não se devem fornecer bebidas alcoólicas ou fermentadas a menores de 16 anos nem consentir a sua permanencia nos estabelecimentos de vinhos porque, os menores de 16 anos não podem entrar em casas de jôgo, tabernas e clubs, salvo se entrarem em tabernas de mandado dos pais ou tutores, ou acompanhados destes, com o fim de hospedagem ou de aquisição de géneros alimenticios.

Os donos, dirigentes ou gerentes dos estabelecimentos citados incorrem na pena de multa que pode ir até 5.000\$00, quando consintam ou não obstem por si ou por seus empregados á transgressão, salvo quando os menores forem acompanhados de seus pais, tutores ou pessoas a quem tenham sido confiados.

seus colegas e amigos a manifestação de simpatia de que se via alv). Tem singrado na vida procurando sempre, e quanto em suas forças cabe, fazer o bem pelo bem. Não o acusa a consciencia de haver atropelado no seu caminho quem-quer que seja. Intrigas, mal-querenças, mal contidos ódios, nunca tiveram guarida na sua alma, no seu coração afectivo.

Preso-se de ter sido sempre leal para com toda a gente, e muito especialmente para com todos os seus colegas no mesmo ramo de negócio. Esquece facilmente quaesquer agravos ou ofensas que lhe hajam sido feitas; a ninguem quer nem deseja mal. Se amanhã, algum daqueles que irreflectidamente o tem criticado menos favoravelmente o procurar, carecido de qualquer favor seu, de braços abertos o receberá, generosa e amigavelmente.

E' esta, foi sempre esta, a sua maneira de ver e proceder. (Colorosos aplausos.)

Saiu do nada, bem o sabe. Por si se fez. Ao seu esforço, á sua tenacidade, ao seu amor ao trabalho, deve o pouco que hoje é.

Espera continuar, como até aqui, a empregar todos os seus melhores esforços toda a sua grande dedicação, no sentido de ver aumentada a riqueza nacional, fomentando o comercio do algodão colonial—correspondendo assim á confiança que em si, e nos seus colegas da Junta, depositou o illustre titular da pasta das Colónias a quem folga de prestar, neste momento, o preito da sua admiração e do seu respeito. (Muitos aplausos.)

Para os seus amigos—queridos amigos que quizeram homenageá-lo com este significativo banquete,—vae toda a sua infinita gratidão, toda a sua grande estima. Jámais esquecerá este dia para si memorável sob todos os pontos de vista. Agradecido, muito obrigado a todos.

Ruidosas aclamações da assistencia coroaram as ultimas palavras de Rocha Gonçalves a quem todos abraçaram entusiasticamente.

Assim terminou o banquete de homenagem prestada ao grande lutador, ao filho querido da nossa terra que muito o admira e muito lhe deve.

Espôsende está de parabens.

DR. LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA

Homenagem póstuma

Lê-se na «Aurora do Lima», de 14 do corrente:

«Viana vai, enfim—desdizendo o seu apódo de terra ingrata para os próprios filhos—prestar homenagem a um dos homens aqui nascidos que a ela se devotou com estranho carinho—o Dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, morto há sete anos na sua casa da Cancellada da Areosa, entre as quatro paredes da sua querida biblioteca.

«Ninguem é mais digno da veneração dos seus conterrâneos.

«O Dr. Figueiredo da Guerra, num tempo em que a arqueologia nestas santas terras provincianas era motivo de risota para a turba ignara, apenas animado pelo exemplo do sábio vimaranense Martins Sarmiento, pacientemente dedicava as suas horas vagas á decifração dos velhos pergaminhos, á pesquisa e escavação de castros e mamoaas, curvado amorosamente sobre as eras mortas.

«Os seus estudos, principalmente as leituras dos textos que se guardam no arquivo da Câmara Municipal—atestarão sempre a sua probidade intelectual e o seu escrúpulo. Eles são a base de todos os estudos que se queiram fazer sobre o passado da nossa terra.

«A Aurora do Lima» mereceu-lhe sempre grande simpatia. Este jornal orgulha-se de ter publicado monografias curiosissimas sobre as velhas coisas—palácios vianenses, portais, familias nobres, homens e factos—pois tudo interessava o illustre sabio.

«A homenagem a prestar-lhe será simples:

«Constará da colocação na fronteira da casa onde nasceu e faleceu aquele illustre vianense, de uma placa comemorativa de azulejos ou de mármore.

«Procura-se interessar nesta festa todas colectividades culturais que farão, depois, uma romagem ao seu túmulo modesto.

«Mais nada.

«Mas alguma coisa mais que um vago rumor ficará a atestar ao viandante ou turista a memória dum homem tão superior como

Senhora das Vitorias

Na pitoresca freguesia de S. Paio d'Antas, terão lugar nos dias 9 e 10 do corrente os brilhantes festejos em honra de Nossa Senhora das Vitorias, onde todos os anos costumam concorrer muitos forasteiros.

Consorcio

No ultimo sabado, 25, realizou-se na nossa igreja Matriz, o auspicioso enlace matrimonial da Ex.^{ma} sr.^a D. Maria de Lourdes de Sousa Ribeiro, prenda da filha do nosso bom amigo snr. Dr. Antonio de Sousa Ribeiro, com o tambem nosso presado amigo e abalisado professor assistente na Universidade do Porto, snr. Dr. Manoel Gonçalves Pereira de Barros, filho querido do snr. Dr. João de Barros, illustre medico municipal.

Ao acto religioso, que foi imponente, assistiram grande numero de pessoas das suas relações e amizade.

Após este acto foi servido aos noivos e seus convidados, na residencia da noiva um primoroso copo d'água, durante o qual se trocaram muitos brindes.

Aos felizes noivos desejamos as maiores venturas e felicidades de que são dignos.

S. Pedro

Tambem este santo claviculario, detentor das chaves do ceu, teve este ano as suas fogueiras e os seus folguedos.

«O Estoril»

Conta mais um ano de publicidade este nosso presado colega que se publica no Estoril.

Com o numero publicado em 26 de junho entrou no IX ano, motivo porque o felicitamos.

Missa de sufragio

Com seleta assistencia celebrou-se na ultima segunda-feira, na nossa Matriz, uma missa pela alma de José Rodrigues Quesado, mandada resar por sua esposa, bem como outra na freguesia de Forjães, sua terra natal.

Novas notas de 50\$000

Vão ser postas em circulação pelo Banco de Portugal, as da nova chapa n.º 6, com as características superiormente aprovadas. Na frente, têm a effigie de Ramalho Ortigão; no verso, a vinheta do Mosteiro de Leça do Balio e por transparencia filigrana com o busto de uma minhota.

